

## A CRÍTICA PÓS-COLONIAL E A FICÇÃO DE PEPETELA

**Jeferson Rodrigues dos Santos**

Mestrando em Estudos Literários (PPGL/UFS)

Email: [geronjeferson@oi.com.br](mailto:geronjeferson@oi.com.br)

### RESUMO

Este texto apresenta as possibilidades de aproximações entre a crítica pós-colonial e a narrativa contemporânea angolana. A partir das propostas dessa crítica, propomos uma leitura de *A Gloriosa Família: o tempo dos flamengos*, de Pepetela, pautado na releitura da grande narrativa e inserção do discurso do subalterno. Nestes caminhos, apontamos a crítica pós-colonial como via interpretativa da ficção pepeteliana que articula diferentes fronteiras do texto e da textualidade pós-colonial.

**PALAVRAS-CHAVE:** crítica pós-colonial; narrativa contemporânea; Pepetela.

## CRITICAL POST-COLONIAL AND FICTION OF PEPETELA

**Jeferson Rodrigues dos Santos**

Mestrando em Estudos Literários (PPGL/UFS)

Email: [geronjeferson@oi.com.br](mailto:geronjeferson@oi.com.br)

### ABSTRACT

This paper presents the possibilities of approaches between the postcolonial criticism and the Angolan contemporary narrative. From the proposals of the criticism, we propose a reading of *A Gloriosa Família: o tempo dos flamengos* by Pepetela, guided on the reinterpretation of grand narrative and insertion the subaltern speech of the subordinate. In these ways, we have pointed out the critical post-colonial as interpretative route of fiction from the author that articulates different borders of text and post-colonial textuality.

**KEYWORDS:** post-colonial critique; contemporary narrative; Pepetela

## OS MEANDROS DA CRÍTICA PÓS-COLONIAL

Pensar a crítica pós-colonial é reconhecer os seus variados meandros. Há um amplo e tenso *corpus*, além das convergências e divergências. Precisa-se, pois, optar por um caminho e transitá-lo para os contextos das literaturas africanas de língua portuguesa, em especial a literatura angolana.

Antes de adentrar na relação da crítica com essa literatura, pensamos na importância do breve panorama das várias questões que condicionam os imbricamentos das vertentes. Isso se dá com base na tentativa de percorrer a/s rede/s “teórica/s” desses estudos, os quais dão as prerrogativas e acepções.

Nesse sentido, a crítica pós-colonial emerge dentro dum complexo cenário de posicionamentos/pensamentos do século XX (Estudos Culturais, Pós-estruturalismo, Pós-modernismo, Crítica Feminista, Estudos Subalternos...) e segue pelos trilhos da globalização. A compreensão dessa conjuntura possibilita observar as articulações das correntes do pensamento com a globalização, sobretudo as suas conceitualizações como ferramenta para o estudo e problematização da ficção contemporânea angolana, com destaque para as narrativas de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos (Pepetela).

Como bem sugere Rita Ciotta Neves, em os *Estudos Pós-coloniais: um paradigma da globalização*, esses estudos “[...] integram-se no panorama mais amplo dos estudos culturais e constituem um dos paradigmas da situação global contemporânea” (NEVES, 2009, p. 232). Assim, o que é o pós-colonialismo? Há, como o termo tenciona, um “fora” do colonialismo? As preocupações com o chamado “Terceiro Mundo” devem ser vistas em contato com o pós-colonialismo? O que alavanca o colonialismo: o nacionalismo, o transnacionalismo, a globalização? Qual o espaço da literatura? Quem é o sujeito pós-colonial, haja vista que “entram *nesta* âmbito não só os povos que foram colonizados, mas também as minorias étnicas e os imigrantes, obrigados por razões de sobrevivência a uma dolorosa diáspora” (*idem*)? Pode como problematiza Gayatri Chakravorty Spivak, esses sujeitos falarem?

Ao mesmo tempo em que são muitas as perguntas, inúmeras e complexas são as respostas. Confessamos a impossibilidade de dar conta de todas nessas páginas, até mesmo porque elas acompanham o debate que há nos estudos da literatura angolana, assim como das demais literaturas africanas de língua portuguesa. Logo, há um campo em expansão e

conceitualização, com vistas na fundamentação de metodologias para a leitura e o ensino dessas literaturas.

A princípio, o termo pós-colonialismo apareceu depois da Segunda Guerra, por volta de 1970, com alguns historiadores e passou a ser utilizado pelas diversas áreas das ciências sociais para debater os efeitos da colonização. Além das influências dos Estudos Culturais, do Pós-estruturalismo e do Pós-modernismo, “a raiz histórica dos estudos reside [...] no processo de descolonização concluído nos anos 60 (Portugal representa uma exceção, tendo concluído o processo só em 1975); sem esquecer a herança do radicalismo negro e caribenho e o surgir do conceito de <<negritude>> de Aimé Césaire e Leopold Senghor” (NEVES, 2009, p. 235).

O sentido de descolonização é pertinente porque é muito mais que a transição para a independência ou transferência de poder. Ela exige a análise das lutas e do repensar dos conceitos hegemônicos que ligam espaços e tempos. É, para tanto, uma disputa permanente sobre as representações e políticas nas ex-metrópoles e ex-colônias, sendo nestas os sentidos imperiais ainda mais visíveis.

Também, a noção de descolonização passa pelas estratégias do pós-estruturalismo. J. K. Gibson-Graham, em *Intervenciones posestructurales*, argumenta que a corrente pós-estruturalista “ofrece una variedad de estrategias que cuestionan las ideas recibidas y las prácticas dominantes, haciendo visible su poder y creando espacios para emerjan formas alternas de la práctica y el poder” (GIBSON-GRAHAM, 2001, p. 265). Sendo assim, de modo sintético, o pós-estruturalismo propõe o “fim” das grandes narrativas, a volta do homem e a revisitação do passado.

O pós-modernismo se aproxima do pós-estruturalismo porque sugere a noção de sujeito fragmentado que permite a sua realocação por meio de outros discursos. Nesse bojo, a importância dos Estudos Culturais estar mediante a sua proposta de recuperação das culturas e o conjunto de práticas cujo teor abarca uma tríade: político-teórico-interdisciplinar.

É claro que há muitos mais a ser dito a respeito das ideias e das críticas dessas vertentes expostas, até pelo desenvolvimento dos estudos desenvolvidos nos Estados Unidos, nos países latino-americanos, na Inglaterra, entre outros. Para tanto, Edward W. Said, Homi K. Bhabha e Gayatri Chakravorty Spivak são considerados os principais influenciadores da crítica pós-colonial.

A fim de ilustrar a/s definição/ões desse campo de estudo, Edward W. Said, em *Orientalismo* (2008), investiga a demonização do Oriente Médio atento a seguinte questão: até que ponto a

ideia de Oriente é aceita de verdade? Ora, o orientalismo, para ele, é carregado de mentiras, levando-nos para o complexo jogo entre a verdade e o valor. Dessa forma, o discurso orientalista é desvalorizado porque há um eurocentrismo implícito, sugerindo a não representação autêntica e verdadeira.

Para corroborar a sua linha de pensamento e fundamentação do pós-colonialismo, Said trava diálogo com as ideias de Michel Foucault e Antonio Gramsci. Nessa esteira, distingue “poder/conhecimento” e “hegemonia”, fala da imposição da lei e do modo como os discursos constroem o “Terceiro Mundo” e reforçam a autoridade de quem os produzem. Percebe-se, pois, uma constante luta discursiva, ainda que atravessada pela globalização, provocando a indagação: quem sai “vencedor”?

Já Homi k. Bhabha, em *O Local da Cultura* (1998), quando questiona o binarismo (colonizador e colonizado), sugere outra direção aos meandros da crítica pós-colonial. Apoiando-se na corrente pós-estruturalista, sobretudo nas ideias de Jacques Derrida, Bhabha considera que, nesta relação, é preciso levar em conta um sentido redobrado, a “ambivalência”, a “consciência dupla”. Isso significa não só observar uma mentalidade guiadora dos aprendizados da colonização, mas a mentalidade do conhecimento e da força do “estereótipo, da discriminação e do discurso do colonialismo, *colonizador*” (1998, p. 105, grifos do autor).

Assim como o colonizador, o colonizado se situa dentro duma relação complexa de cooptação. Tão logo, Bhabha pensa o contexto e a conjuntura pós-colonial por meio das “ambivalências”, do “hibridismo” e da “consciência dupla”, sugerindo o espaço da diferença e da alteridade.

## **A CRÍTICA PÓS-COLONIAL E A LITERATURA ANGOLANA: O CASO DA FICÇÃO PEPETELIANA**

Partindo dessas assertivas e considerando a “característica prevalentemente literária” (NEVES, 2009, p. 238), não se podem negar os desdobramentos da crítica pós-colonial, haja vista o fato de sair da esfera anglo-saxônica e adentrar no contexto das ex-colônias. Na verdade, o olhar para a realidade dos países africanos pós-independência (no caso das ex-colônias portuguesas, a partir de 1975) exige a compreensão das continuidades e rupturas, num movimento de confluência entre o passado, o presente e o futuro no espaço pós-

colonização. Consequentemente, o pós-colonialismo contribui para a reflexão e entendimento da realidade e das produções culturais desses países.

Todavia, é importante lembrar, seguindo o pensamento de Leyla Perrone-Moisés, em *Desconstruindo os Estudos Culturais*, que não podemos cair no pós-colonialismo exótico. Ou seja, desconsiderar o conjunto de práticas e intelectuais de resistência e oposição anti-colonial e anti-neocolonial, pois, a negação dessas vias, remonta para um pós-colonialismo que valoriza os produtos culturais construídos como “Outro/s” em relação ao “Centro”. Produtos que implicam na interpelação nas dinâmicas de trocas – materiais e simbólicas – do mercado global e na desarticulação das diferenças, caindo nos binarismos (mais/menos, melhor/pior) e abdicando do olhar para a colocação dessas produções na universalidade (LEITE *et al.*, 2012).

Sendo assim, a literatura angolana e a crítica pós-colonial dialogam mediante a sua recepção e as suas transformações. Delimitamos o campo investigativo para o romance angolano e Pepetela porque demandaria maiores desdobramentos fazer um panorama, não só da conjuntura histórico-literária de Angola, mas dos demais países de língua portuguesa, que são Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Em linhas gerais, as literaturas africanas de língua portuguesa carregam histórias e culturas diferentes da literatura “europeia”.

Então, como situar Artur Calor Maurício Pestana dos Santos nesse diálogo? Pepetela é um dos principais nomes da literatura angolana do pós-independência. Filho de Maria Helena Maurício Pestana dos Santos e José Guilherme Figueiredo Pestana dos Santos, nasceu no ano de 1941 em Benguela. No fim da década de 50, vai à Lisboa estudar e, lá, passa a frequentar a Casa dos Estudantes (CEI). Foi membro do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), no qual, em 1969, fundou o Centro de Estudos Angolanos.

No ano de 1974, Pepetela esteve presente no combate durante a guerra de libertação e tornou-se diretor do Departamento de Educação e Cultura do MPLA. Em 1975, participa da União dos Escritores Angolanos; em 1976, participa do governo angolano no cargo de vice-ministro da Educação, deixando o cargo, em 1982, para, no ano seguinte, trabalhar como professor na Universidade Agostinho Neto.

Essa breve biografia do escritor nos leva ao sentido de “intelectual orgânico” (HALL, 2003). Esse intelectual “não pode subtrair-se da responsabilidade da transmissão dessas ideias, desse conhecimento, através da função intelectual, aos que não pertencem, profissionalmente, à classe intelectual” (2003, p. 207). Ao perceber esse caminho, estamos diante da relação

sugerida pelos Estudos Culturais: teoria-prática. Pepetela se encaixa nesse movimento dialético porque a sua produção tem caráter de intervenção político-social, implicando a união entre o trabalho intelectual e o político, uma vez que a escrita é política e tem sentido pragmático.

Para tanto, é forçoso lembrar que a produção literária em Angola foi mais intensa durante o período das guerras de libertação, ocorrido entre 1961 a 1975, num processo de questionamentos ao colonialismo português e envolvimento pela busca da independência, pelos sentidos de nacionalização. Pepetela faz parte desse momento de efervescência e segue pelos desafios do pós-independência (a Guerra Civil e a contemporaneidade) que sugere o repensar da realidade, da utopia, permitindo, assim, a aproximação da ficção do escritor com a crítica pós-colonial.

Pós-colonial porque, além de serem produzidas depois da independência, as suas obras analisam os discursos ideológicos que defendem a hegemonia, propondo revisões críticas e estabelecendo a formulação da “diferença cultural, autoridade social e discriminação política” (BHABHA, 1998, p. 239). Não só faz uma “leitura em contraponto” (SAID, 1995, p. 104), mas reflete a sociedade angolana contemporânea, no sentido da história, da cultura, da sociedade e da política, o que representa o intento anti-neocolonial.

Assim, seguindo as pegadas de Rita Chaves e Tânia Macedo, em *Portanto...* Petela, podemos vislumbrar a divisão das obras do escritor: *As Aventuras de Ngunga* (1973), *Muana Puó* (1978) e *Mayombe* (1980) escritas durante a guerra colonial e antes da independência. *Yaka* (1984), *O Cão e Os Calus* (1985), *Lueji: o nascimento dum império* (1989) e *Luandando* (1990) são obras escritas no pós-independência, durante o período da guerra civil. Já *A Geração da Utopia* (1992), *O Desejo de Kianda* (1995), *Parábola do Cágado Velho* (1996), *A Gloriosa Família – O Tempo dos Flamengos* (1999), *A Montanha da Água Lilás* (2002), *Jaime Bunda – Agente Secreto* (2001), *Jaime Bunda e a Morte do Americano* (2003), *Predadores* (2005), *O Terrorista de Berkeley – Califórnia* (2007), *O Quase Fim do Mundo* (2008) e *Contos de Morte* (2008) fazem parte das obras escritas durante a abertura do país à economia de mercado, ou seja, no momento das grandes transformações sociais (CHAVES & MACEDO, 2009, pp. 21-27).

No que diz respeito ao romance, há a desconstrução de posicionamentos e a articulação de como o povo pensa o “ex-Centro” e a história colonial, até porque é o campo de reflexão sobre diversos temas. Nesse ponto, o processo de transformação e a necessidade de as culturas

locais dialogarem com o global apontam para o processo histórico. Por isso, a História, além da Sociologia, é uma área do conhecimento abordada tematicamente nas narrativas de Pepetela.

Tão logo, são narrativas que refletem sobre o império e a experiência colonial, reconfigurando e reatualizando espaços das grandes narrativas produzidas durante o imperialismo. A ideia é recriar identidades locais, sem perder de vista a relação com o global, interrogar o discurso europeu e descentralizar as formações (lutas) discursivas. Elas investigam, releem e reescrevem os percursos do período colonial, como também questionam a tensão e a revisão do neocolonial e a internalização dos poderes coloniais.

### **LEITURAS POSSÍVEIS: CONFLUÊNCIAS ENTRE A RELEITURA E O DISCURSO DO SUBALTERNO**

A *Gloriosa Família: o tempo dos flamengos*<sup>1</sup> (1999) é um dos exemplos de escrita pós-colonial porque faz a releitura da história, num jogo dialético com as estratégias narrativas. Ela narra a saga da família de Baltazar Van Dum durante o século XVII, período marcado pela presença das Companhias das Índias e da invasão holandesa que durou sete anos.

O título já provoca indagações: Que família é essa? Que tempo é esse? Quais as rupturas? Quais as continuidades? Dessa maneira, a narrativa sugere algumas das direções da crítica pós-colonial, dentre as quais seguiremos por duas: a releitura da grande narrativa (a crônica de Cadornega, presente em *História Geral das Guerras Angolanas*) e a inserção do discurso do subalterno (o escravo-mudo-analfabeto<sup>2</sup>).

Narrada em primeira pessoa, a tessitura narrativa apresenta o ponto de vista do subalterno tanto pelo prisma subjetivo (o escravo narrador) como pelos múltiplos pontos de vista. Ele, o narrador, é escravo, mudo e analfabeto, que, com sua “autoridade” de historiar, busca preencher os silêncios deixados pela história colonial. O silenciamento, como marca além

---

<sup>1</sup> A *gloriosa Família* é uma narrativa extensa – dividida em doze capítulos ao longo de quatrocentos e seis páginas – que relê um momento da história angolana: “o tempo dos flamengos” (1642 a 1648). Este episódio marca a presença dos holandeses, ligados à Companhia das Índias Ocidentais, que traficam escravos para o Brasil.

<sup>2</sup> Fragmento que comprova a sua condição de escravo, mudo e analfabeto: “- Não tem perigo. É mudo de nascença. E Analfabeto. Até duvido que perceba uma só palavra em kimbundu. Sei lá mesmo se percebe quimbundo... Um as frases se tanto! Como pode revelar segredos? Este é que é mesmo um túmulo, o mais fiel dos confidentes. Confesse-lhe todos os seus pecados, ninguém saberá, nem Deus” (PEPETELA, 1999, p. 393).



tempos da escravidão, é desconstruído e problematizado por meio da ironia, que, por sua vez, ratifica o sentido colonial. Isto é, ele sabe da sua condição, acompanhar o seu dono, ficando para fora da moldura histórica; mas, ao relatar, tece reflexões e comentários acerca da família Van Dum e dos “tempos dos flamengos”. Veja-se:

Sempre achei que o meu dono subestimava as minhas capacidades. Bem gostaria nesse momento de poder falar para lhe dizer que até francês aprendi nos tempos dos jogos de cartas. E que bem podiam baixar a voz ao mínimo entendível que eu ouvia sem esforço, bastando ajustar o tamanho das orelhas. Mas se tão pouco valor me atribuía, então também não merecia o meu esforço de lhe fazer compreender o contrário, morresse com a sua ideia. Uma desforra para tanto desprezo seria contar toda a sua estória, um dia. Soube então que o faria, apesar de mudo e analfabeto. Usando poderes desconhecidos, dos que se ocultam no pó branco da pomba ou nos riscos traçados ares das encruzilhadas pelos espíritos inquietos. Fosse de que maneira fosse, tive a certeza do meu relato chegar a alguém, colocado em impreciso ponto do tempo e do espaço, o qual seria capaz de gravar tudo tal como testemunhei (PEPETELA, 1999, pp. 393-394).

Com vistas no excerto, percebemos que a estratégia narrativa condiciona a posição do escravo-narrador num espaço em que ele pode ironizar, refletir a sociedade, falar da história, da cultura. A presença da ideologia é legitimada, pois, como não há discursos não ideológicos, esse narrador torna-se duplo: ao falar do seu dono, fala de si mesmo, que, dentro da construção coletiva, fala dos subalternos.

No eixo coletivo, a subalternidade é atravessada pela escravatura e a limitação física do narrador, pois, “um escravo não tem direito, não tem nenhuma liberdade; mas, apenas uma coisa não lhe pode amarrar: a imaginação” (PEPETELA, 1999, p. 14). Ora, a imaginação se liga ao imaginário e, quando olhamos para a narrativa, ela aparece como forma de produzir ideias e imagens confluídas na racionalidade e na sensibilidade, que são duas vias de apreensão do mundo. A primeira vista como o conhecimento conceitual, científico; ao passo que a segunda ao conhecimento sensível, da experiência individual.

Ainda mais, a imaginação permite vislumbrar as lutas discursivas e as possíveis alternativas de rompê-las, até porque, dentro do domínio da linguagem, a voz mais sonora é de quem tem o poder. Com isso, para não perder a amarra com o pós-colonialismo, entra em cena a questão da língua. Como o escritor articula e se posiciona na língua portuguesa? Como se vê, há o imperialismo político e ideológico para pensar o país e as falas do escravo-mudo-analfabeto são atravessadas pela representação dialógica da escrita e da oralidade. Eis um exemplo:

Os papéis valem menos que as riquezas e os feridos menos que o são. [...] Morreram os feridos, se queimaram os papéis. Assim se perderam todos os documentos da conquista e fundação da cidade e todos os mambos e makas que aconteceram nesses anos todos até à chegada dos mafulos. Depois somos nós que não temos sentido de História, só porque não sabemos escrever. Eu, pelo menos, sinto grande responsabilidade em ver e ouvir tudo para um dia poder contar, correndo as gerações, da mesma maneira que aprendi com outros, o que antes sucedeu (PEPETELA, 1999, p. 121).

O escravo narrador questiona o seu lugar de objeto, de não ter direito nem liberdade, livre apenas na imaginação. Essa é a condição imposta ao escravizado, que, no entanto, a função de ser relator da vida de Van Dum o permite “saltar de um tempo para outro” (PEPETELA, 1999, p. 16), mudando de espaços a fim de refletir a sociedade em conjunto, seja de fora ou de dentro. Tais “saltos” coagulam com o sentido pós-colonial, uma vez que promove os deslocamentos dentro do mesmo lugar. Isso significa a confluência dos lugares coloniais e as tensões pós-coloniais, justamente porque cruza os tempos e os espaços históricos para resignificar a diferença.

A figura desse escravo narrador é um traço que apela para o estranho, o qual aparece como possibilidade para encarar e refletir a realidade. Ele, como visto, segue as pegadas da família Van Dum, a qual, presente em todas as cenas da narrativa, é lida como a metáfora do processo de formação da sociedade angolana.

Pensando por esse caminho, chamamos atenção para uma das filhas de Baltazar Van Dum e D. Inôcência (tinham onze filhos): Matilde. Ela ganha relevo por ser uma espécie de feiticeira. Isto é, a personagem fala dos sete anos que os holandeses dominariam. Em verdade, a sua posição na narrativa é caminho de provocar as transformações no “futuro empírico”, o que se liga ao “impreciso ponto do tempo e do espaço” (PEPETELA, 1999, p. 394). Veja-se: “Sei que os flamengos vão ficar aqui sete anos. Desde o dia da chegada ao da partida vão passar exactos sete anos. Vi no dia que chegaram. Vejo isso constantemente escrito no céu” (idem, p. 49).

Ora, ao pontuar a imprecisão do futuro, a narrativa põe em projeção os fatos possivelmente estanques e mostra que as suas pontas se interligam. Nesse momento, instala-se o olhar para o passado para refletir o futuro desse passado, que é Angola pós-independência. Isso fica evidente tanto com a fala do narrador quanto com a presença da “profetisa” Matilde, pois são os elementos que saltam de um tempo para outro, a partir de um passado distante.

A ironia. A imaginação. A oralidade. Os “saltos”. Todos esses elementos seguem o fluxo narrativo e solidificam o traço estético, ainda mais por percebermos, com a “voz” do escravo

narrador, a presença da subjetividade. Ele, “alimentando-se do que vê e escuta” (PEPETELA, 1999, p. 120), aponta para a ideia de que as histórias ouvidas (e todo texto) são cruzadas pelo ponto de vista de quem as interpreta e as reproduz. Logo, ao colocar os excluídos, a narrativa problematiza a ausência de escrita e o testemunho da oralidade na historiografia.

Nesse sentido, a narrativa destece os fios da História para tecer os fios do espaço da utopia, pois, pensando pela via da metaficção historiográfica, desperta as vozes e memórias que não tinham lugar no cenário político-social. Aqui, aparecem os trilhos da releitura, justamente pelo fato de a narrativa fazer um recorte histórico e trazer para o pano de fundo da tessitura ficcional. A intertextualidade e a paródia são os elementos que dialogam com a ida de Pepetela à *História Geral das Guerras Angolanas*, de 1680, de António de Oliveira Cadornega. Dela, ele extrai episódios e referências, principalmente com personagem que transitam no enredo.

Esse movimento permite a investigação e tematização do espaço colonial e pós-colonial.

Veja-se:

Baltazar [...] tinha feito estudos em Bruges, onde nascera numa família católica, e em outra terra que esqueci o nome, demasiado complicado. Mas na altura de entrar na universidade, resolveu conhecer mundo. O pai era um comerciante, pequeno [...]. Baltazar alistou-se no exército espanhol que estava em guerra permanente contra a Holanda, escolhendo esse partido por ser o dos católicos. [...] Quando estava já farto de quartéis e fortalezas, sem ter provado gosto da guerra, pediu a desmobilização. Andou pela Espanha a gozar a liberdade readquirida e o soldo desses anos de serviço passou a Portugal, cujo trono estava unificado ao do país vizinho pelos reis Filipes e aí ouviu falar das árvores *dos patacas*, a qual a final estava também em África e não só na Índia. *Essa árvore maravilhosa que bastava sacudir para caírem as moedas de ouro, na Índia era coberta de especiarias, enquanto em África era coberta de escravos. Os olhos de Baltazar brilharam com a miragem da árvores de patacas, cheia de negros a quem bastava deitar a mão* (PEPETELA, 1999, p. 17, grifos do autor).

Coloca-se o “texto-base” e, a partir dele, o escravo-mudo-analfabeto critica a universalidade do discurso da história. Apresenta possibilidades de “verdades” cruzadas pelas múltiplas perspectivas, tendo em vista que a realidade não acompanha a imaginação. A multiplicidade rompe com o discurso hegemônico porque sugere o discurso plural e diverso. Desta feita, a cabeça do escravo é feita de dúvidas (PEPETELA, 1999, p. 322) e de diversas possibilidades que abrem espaço para a reflexão sobre as problemáticas na sociedade angolana pós-colonização.

Com isso, aparece outra versão da história colonial, situada numa narrativa crítica e alternativa, que sugere outra narração para o presente histórico. A história se repete... Ou seja,

o relato do escravo se ajusta a Angola independente porque, se no século XVII havia tráfico de escravos, na contemporaneidade os tráficos são outros. Eis um trecho:

Ninguém mais percebeu, só eu, mas ninguém tem o meu faro para detectar insignificância escondidas na cabeça das pessoas. Às vezes essas coisas escondidas não são tão insignificantes assim, acabam por explicar acontecimentos futuros. Muitas vezes tão no futuro que as ligações não se fazem, ficam escondidas em repouso, até que alguém cosa as pontas. Sucede provavelmente com certa frequência não surgir alguém com esse talento de coser pontas e o conhecimento se perde. Não sou muito versado na história dos homens, sei apenas o que o meu dono sabe e contou, ou o que outros lhe contaram e ouvi, cousa pouca. Mas o suficiente para entender que muito se perdeu, ao longo dos séculos, na ligação às verdadeiras causas de fenómenos aparentemente inexplicáveis (PEPETELA, 1999, p. 115).

Diante desse excerto, é possível observar as pegadas da reflexão do presente, até porque a narrativa salta de um tempo para outro e anuncia o futuro do passado narrado. É aí que notamos a tematização da História não apenas para preencher os vazios, mas para analisar o presente. O “futuro glorioso”: uma sociedade cercada de corrupções e jogos políticos, cujo interesse é a manutenção do poder nas mãos de uma “gloriosa família”, hoje, na contemporaneidade, justificado pela internalização dos sentidos coloniais. Daí, a necessidade de recriar as possibilidades de um recomeço...

## **A GUIA DE CONCLUSÃO**

Pensando nessa relação entre a narrativa contemporânea e o pós-colonialismo, visualizamos os desdobramentos da crítica pós-colonial porque se atenta para as transformações sociais, problematizando e inquirindo o discurso e cultura dominante. Seguem as formulações estéticas dos sentidos da História, os quais propõem as articulações com vistas em outros “locais da cultura” (BHABHA, 1998, p. 19) e a realocação dos discursos que ainda continuam silenciados. É, portanto, um “novo olhar” para a sociedade.

Porque “novo olhar”? Angola vivenciou um grande processo de mudanças e, no cenário pós-independência, emergem outras conjecturas sócio-culturais. Entra em cena a globalização. Por isso, há um “compromisso” dessas narrativas em adequar a tradição aos desafios da globalização. Assim, falamos da condição pós-colonial, da consciência pós-colonial e anti-neocolonial.

Os tempos são outros e não é mais perene o sentido de nacionalização, tal como foi com as produções culturais antes da independência. Hoje, pensam-se as mundividências da

emancipação: as amarras do império ainda sobrevivem e se fazem internalizadas nas “novas gloriosas famílias” e nos “novos escravos”.

Desse modo, *A Gloriosa Família: o tempo dos flamengos* (1999) problematiza a representação dos métodos e objetivos do período colonial pelo pós-colonialismo, a fim de expor as possíveis (ou visíveis) continuidade e rupturas. Cria uma história alternativa, inserindo a “voz” (oralidade) do excluído da historiografia colonial e, ao parodiá-la, transita para a alteridade. Assim, a releitura incide para o processo de reescritura e reconfiguração das identidades culturais porque estamos nos tempos “em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passadas e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão” (BHABHA, 1998, p. 19).

## REFERÊNCIAS

BHABHA, H. K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CHAVES, R.; MACÊDO, T. **Portanto... Pepetela**. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

Gibson-Graham, J. K. Intervenciones posestructurales. **Revista Colombiana de Antropología e Historia**. (38): 261-286, 2002.

HALL, S. Estudos Culturais e seu legado teórico. In: **Da Diáspora**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003, pp. 199-218.

PERRONE-MOISÉS, L. Desconstruindo os Estudos Culturais. In: **IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada**. Universidade de Évora, 9 a 12 de Maio 2001.

LEITE, A. M. et al. **Nação e narrativa pós-colonial I: Angola e Moçambique**. – Lisboa: Edições Colibri, 2012.

NEVES, R. C. Os Estudos Pós-Coloniais: um Paradigma de Globalização. **Babilónia**, n.º6/7, 2009, pp. 231–239.

PEPETELA. **A Gloriosa Família: o tempo dos flamengos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SAID, E. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente.** São Paulo: Companhia do Bolso, 2008.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

Recebido: 08/07/2015 – Aprovado: 30/09/2015